UNDB
UNIDADE DE ENSINO SUPERIOR DOM BOSCO

# O livro "Orgulho e Preconceito": o Direito da mulher em sociedade no século XVII[1]

*Karla Alessandra Salim Magluf Marques e Renara Castelo Branco de Mello* [2]

*Arnaldo Vieira*[3]

Sumário: Introdução. 1. Contexto histórico do século XVIII numa perspectiva feminina. 2. Relação "Orgulho e Preconceito" e a situação da mulher naquele período. 3. Luta da mulher pela igualdade de direitos e deveres até os dias atuais. 4. Conclusão. 5. Referencial

**Resumo:**

O seguinte trabalho tem como função, relatar com base no filme "Orgulho e Preconceito" a realidade da mulher no período do século XIX, seus direitos e deveres para com a sociedade. Diante de uma análise histórica será aprofundado a diferença entre o homem e a mulher perante aquela época e não deixando de mostrar a evolução que ocorreu através da luta da mulher pelos seus direitos perante a sociedade machista que existia nos tempos mais remotos.

**Palavras-chaves:** Mulher. Desigualdade de direitos. Luta da mulher. Feminismo. Evolução da sociedade. Igualitarismo.

**Introdução:**

A sociedade desde seus primórdios tinha como símbolo os seguintes caracteres: o homem era visto como o possuidor de força, o destinado à caça, com a evolução da sociedade, o homem passa a ser o símbolo da inteligência, da capacidade para adquirir conhecimentos, passa a sair de casa em busca de emprego para sustentar a família e até os dias atuais o homem é o símbolo do trabalhado, o destinado a sustentar a família. A mulher inicialmente e até um pouco recentemente era vista apenas como aquela que cuidava das coisas mais frágeis, por ser considera o sexo frágil, aquela que era destinada então somente a cuidar das coisas da casa, como cuidar de filho, cozinhar, lavar, passar e etc.

Com o passar do tempo, a mulher passa a querer ter outros direitos, além de ser obrigada por imposição da sociedade a viver em casa e para casa e seu marido. A mulher começa a ter interesse para outras coisas, passa a ter a vontade de ser independente, porém a sociedade sempre impondo que a mesma possuía o lugar apenas de dona de casa.

No decorrer do trabalho, inicialmente veremos através do capitulo que fala sobre a contextualização histórica, a grande diferença que existia e que ainda existe em certos lugares em relação ao homem e a mulher, por mais que na lei, os direitos são iguais perante a todos, independentemente inclusive do sexo. Sendo essa diferença notada não apenas no aspecto de independência para com a sociedade, mas no aspecto do homem se sentir com mais direitos no sentido tanto no relacionamento, como em cargos de empregos, como em questão de nível de conhecimento etc.

O filme “Orgulho e Preconceito” nos servirá pra entendermos o grande preconceito que existia no século XVIII, o quanto a mulher era vista apenas como um bem, até para sua família, e que os raros os casos, mas existia, que as mulheres se “revoltavam” queriam ter os mesmos privilégios ou tão somente os mesmos direitos, de estudar numa boa escola, de poder trabalhar, de poder ser dona da sua vida.

Através do capitulo que fala sobre a luta da mulher para garantir seus direitos perante a sociedade, poderemos verificar que a mulher durante muito tempo sofreu grandes coisas, para apenas exercer algo que por lei já era estabelecido. A mulher vai lutar com o principal de igualdade perante a todos. Vai buscar meios que as façam ter destaque para com a sociedade. Farão coisas que as tornaram merecedores de reconhecimento da sociedade.

A visão deste trabalho terá um caráter completamente feminista, porém não deixando de lado o caráter igualitário. Pois da mesma forma que a mulher cansou de ser vista como algo inferior, não colocaremos o homem como algo inferior e que não mereça ter os mesmos direitos que a mulher um dia lutou afinco para garanti-los na sua vida.

## 1. Contexto histórico do XIX numa visão “feminista”:

Século XIX período em que a mulher era vista tão somente como um ser responsável para ser servir a casa, aos filhos e o marido. Ao inverso da mulher o homem era visto como aquele que sustentava a família, que deveria estudar e trabalhar para que fosse um homem de honra, bem sucedido. A igualdade estabelecida pelo Art. 5º da Constituição, não existia. O homem era visto como ser superior da mulher, e a mesma deveria obediência e nada mais.

> Art.5º: Art. 5º. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição; (Constituição, 1988).

A mulher assim que começa a pegar os primeiros ensinamentos, aprende que sua utilidade para sociedade é tão somente para casar e procriar. Seus direitos e deveres se baseavam tão somente a vontade do seu marido. As mulheres eram criadas como um porco pronto para o abate, seus ensinamentos eram baseados nos serviços de casa, seja cozinhar, costurar, tocar algum instrumento musical etc. O interesse de aprender a ler, a saber falar sobre resoluções de problemas, a ter um senso crítico  mais aguçado era ensinado, era considerado algo desnecessário e que tornava a mulher menos atraente.

A sociedade naquele período exercia o poder de mostrar que o que importava pra mulher é casar, a partir do momento que a mesma consegue um marido, a mesma venceu na vida. Aquelas que se interessavam pelas coisas além das de casar, ter filhos e cuidar da casa, eram consideradas desinteressantes e acabavam sendo as excluídas da sociedade, e possivelmente ficariam para titia, termo esse utilizado para aquelas mulheres que passaram dos trinta anos e nunca casaram.

> “A mulher das classes superiores tinha que entender cedo que a única porta aberta para uma vida que fosse, ao mesmo tempo, fácil e respeitável era aquela do casamento. Logo, ela dependia de sua boa aparência, nos conformes do gosto masculino daqueles dias, de seu charme e das artes de sua penteadeira” (**Charlotte Despard**, memórias não publicadas, registro de 1850).

Além do papel quase inexistente que a mulher exercia para a sociedade, existiam casos que as mulheres que não casavam, após a morte dos seus pais, iam morar com seus irmãos, se tornando um “peso” para eles. A mulher naquele período não tinha nenhuma chance no mercado de trabalho, a mulher ser contratada para trabalhar em algo era altamente inaceitável, mas ainda assim existiam funções dadas para as mulheres, porém o reconhecimento do serviço era inexistente e os salários miseráveis. Podemos ver essa realidade no seguinte depoimento:

> Permanecer solteira era considerado uma desgraça e aos trinta anos uma mulher que não fosse casada era chamada de velha solteirona. Depois que seus pais morriam, o que elas podiam fazer, para onde poderiam ir? Se tivessem um irmão, poderiam viver em sua casa, como hóspedes permanentes e indesejados. Algumas tinham que se manter e, então, as dificuldades apareciam. A única ocupação paga aberta a essas senhoras era a de governantas, em condições desprezadas e com salários miseráveis. Nenhuma das profissões eram abertas as mulheres; não havia mulheres nos gabinetes governamentais; nem mesmo trabalho de secretaria era feito por elas. Até mesmo a enfermagem era desorganizada e desrespeitada até que Florence Nightingale a tornasse uma profissão ao fundar a Nightingale School of Nursing (Escola Nightingale de

> Enfermagem) em 1860". (**Louisa Garrett Anderson**, depoimento escrito de 1860)

O que podemos ver é que a sociedade no período do século XIX era altamente machista, a mulher não tinha sua vez para as coisas. A mulher era ícone de inferioridade para o homem, e aquela que buscasse novas maneiras de ser na sociedade era criticada, era considerada a rebelde, onde até a própria família a escravizava, a condenava, mostrando que aquela maneira de pensar era a errada e se ela continuasse a agir dessa maneira, a mesma acabaria sozinha sem apoio nem de seus familiares.

É de se concluir que a mulher naquele período não tinha opção de escolha, desde suas roupas até com que a mesma deve se casar tudo era imposto pela sociedade. O direito da mulher e o dever da mesma era tão somente seguir as ordens impostas pela sociedade. Sendo assim notamos que existia um certo conceito de preconceito sobre a capacidade da mulher naquele período, e podemos ver isso em muitos casos hoje em dia. O que nos faz diferente dos homens é tão somente o aspecto físico, e para que essa maneira de pensar fosse posta em pratica foi preciso nada mais, nada menos do que um movimento de mulheres pela luta dos seus direitos, movimento este que veremos no decorrer do trabalho.

## 2. Relação “Orgulho e Preconceito” e a situação da mulher naquele período:

O filme relata como o amor dos protagonistas podem superar os preceitos estabelecidos pela sociedade, colocando o orgulho e preconceito sempre em pauta. Dando ênfase também na diferença social entres eles e do escasso poder de decisão que mulher possuía naquele período. E essa realidade onde o caráter financeiro, a inferioridade da mulher eram bem imposto e cobrado está relacionado com o contexto histórico do XIX.

A família da protagonista tinha como objetivo casar suas filhas, todas elas, mas propriamente dito, as mais velhas, devido a possível fama que elas teriam se não casassem. Diante dessa colocação podemos perceber que os possíveis casamentos existentes naquele tempo, eram casamentos arranjados, com um interesse além do que o “amor” do casal. A família com interesse financeiro de casar suas filhas com pessoas de grande ascensão financeira e em contra partida a mulher em alguns casos se apaixonava pelo o partido e

rezava, por não poder fazer nada mais além do que isso, para que o casamento arranjado desse certo.

No decorrer do filme, notamos que a protagonista é o tipo de mulher que considerava o que a sociedade colocava o mais absurdo conceito. O seu maior objetivo, diferente de suas irmãs, era tão somente se tornar uma grande leitora e sábia, gostava de estudar, de aprender coisas novas, de poder discutir sobre politica, problemas sociais etc. Porém seu modo de ser, de ver a sociedade era criticado por todos que a acontecia, sua maneira de criticar tudo, de querer mostrar superioridade de conhecimento a tornava desinteressante para os homens logo era a “excluída” da sociedade.

Diante dessa analise podemos ver um depoimento de uma mulher que viver naquele período e gostaria que pudesse ser mudado a concepção sobre a mulher imposta pela sociedade:

> "Era um período estranho, insatisfatório, cheio de aspirações ingratas. Eu a muito sonhava em ser útil para o mundo, mas como éramos garotas com pouco dinheiro e nascidas em uma posição social específica, não se pensava como necessário que fizemos alguma coisa diferente de nos entretermos até que o momento e a oportunidade de casamento surgissem. melhor qualquer casamento do que nenhum, uma velha e tola tia costumava dizer.”

Diante da situação da mulher naquele período, a dificuldade que a mesma possuía de fazer valer o que na Constituição estabelece com lei, o caráter que a sociedade colocava perante o conceito do vem a ser a mulher para a mesma, fizeram com que as mais influenciadas pela essa maneira de serem vistas a buscar seus direitos.

Foi através de um movimento, que tinha como principío a luta pelo direitos e deveres igualitários, que fizeram que a mulher saísse do mundo da inferioridade para se colocar no mundo da igualdade, onde homens e mulheres são vistos como seres iguais. Veremos como foi feito essa nova maneira de ver o mundo, essa nova maneira de ver o papel da mulher perante a sociedade no capitulo seguinte.

## 3. Luta da mulher pela igualdade de direitos e deveres até os dias atuais:

A situação das mulheres no século XIX era de total submissão. Suas atividades restringiam-se tão somente aos afazeres domésticos e atividades manuais ou musicais, sem conotação artística e sim apenas para satisfazer o ambiente doméstico. A influência da sociedade para mostrar o quanto a mulher era inferior naquele período era extremamente grande e cada vez mais a mulher se via sufocada por não poder exercer seus anseios e pelo Estado não defender seus direitos.

O despertar da consciência da mulher brasileira, teve seu início em algumas etapas marcadas primeiro pelo direito à educação. Josephina Alvares de Azevedo fundou e dirigiu durante anos um jornal de cunho feminista (Recife 1851). O jornal conhecido como "A família" retratava sobre as mulheres que não se contentava com a posição que a sociedade colocava-as. Os temas mais abordados no jornal eram sobre educação, trabalho e voto feminino. Os principais periódicos feminista no Brasil foram em Recife e Rio de Janeiro.

É necessário compreender que o caráter do movimento feminista, em momento algum tem o ideal de fazer com que o homem seja inferior a mulher, mas que ambos possuam os mesmos direitos e deveres perante a sociedade, e podemos ver essa ideia claramente na citação a seguir:

> Esta era uma das preocupações feministas da primeira onda, mostrar que o movimento não se tratava de um ideal de reversão, no qual os homens passariam a ser subalternos, mas sim um veículo que levaria às mulheres a fazer seu trajeto ao lado do homem. (Autor: OLIVEIRA, Karine)

O cotidiano das mulheres começa a mudar (1808), antes presas em casa rodeadas de escravos, começam a frequentar as ruas, teatros mesmo que acompanhadas. A educação passa a fazer parte da vida da mulher. Dentre essas mulheres que começaram a crescer intelectualmente citamos: Dionísia Gonçalves Pinto pseudônimo de Nísia. Nascida no Rio Grande do Norte (1810) – Depois de ficar viúva, muda-se para o Rio Grande do Sul e funda a escola para moças ( Pioneiras do Feminismo).

E não podemos deixar de dar destaque para a Rainha do Maranhão, como era chamada, Ana Joaquina Jansen Pereira que lutou também pelos direitos da mulher, bem a frente do seu tempo. Fora do comportamento e dos costumes impostos pela sociedade da época, viveu sua vida intensamente causando, muitos conflitos na sociedade por ideais feministas. Fundou um jornal e um partido feminista, participando ativamente da politica ludovicense tendo agregado no seu âmbito muitos inimigos e pela sua história passou a ser uma personagem lendária e apavorante contada pelos seus próprios adversários. Podemos ver a diferença do comportamento de Ana Jansen para as mulheres da sua época na frase: "o comportamento liberal e avançado de Ana, era chocante para as mulheres da época que se casavam cedo e viviam uma vida de submissão ao marido."

Mesmo que a sociedade hoje tenha se tornado "igualitária" de uma maneira geral, ainda vemos em muitos lugares o preconceito onde o homem se considera superior, ou simplesmente acha que mulher não é capaz de tal atitude. O interesse maior da mulher para se impor na sociedade está na ideia:

> Queremos a nossa emancipação – a regeneração dos costumes; queremos reaver nossos direitos perdidos; queremos a educação verdadeira que não têm dado o dom de que possamos educar também nossos filhos; queremos a instrução para conhecermos nossos direitos e deles usarmos em ocasião oportuna; queremos conhecer os negócios do nosso casal para bem administrá-los quando a isso formos obrigadas; queremos, enfim, saber o que fazermos, o porquê, o pelo quê das coisas; queremos ser companheiras do nossos maridos e não escravas; queremos saber como se fazem os negócios fora de casa; só o que não queremos é continuar viver enganadas. (O sexo feminino, 25 de outubro de 1873).

O movimento feminista no Brasil no século XIX, pode ser considerado como um movimento fraco, mas com uma importância significativa para movimentos ocorridos nos

primeiras décadas do século XX, graças as mulheres à cima citadas, que lutaram bravamente pelos direitos políticos e civis femininos.

## 4. Conclusão:

O referente trabalho que relata sobre a realidade da mulher no período do século XIX, com base no filme “Orgulho e Preconceito” nos faz mostrar o quão à sociedade naquele período era arcaica em certos conceitos. Por mais que o contexto histórico mostre a realidade da revolução industrial, a busca por desenvolvimento da sociedade, a ascensão de um novo paradigma para o mundo, nos permite notar que as pequenas coisas ainda se mantinham antigas e preconceituosas.

A sociedade por mais desenvolvida que fosse se não mudasse suas formas de ver a mulher, o próprio negro, não teria desenvolvido. Da mesma maneira que o homem branco era visto com um ser capaz de exercer inúmeras tarefas, merecedor de deveres e direitos, a mulher, o homem negro e a criança também eram seres humanos igual ao homem branco e por isso mereciam e merecem os mesmos direitos e deveres dados pelo Estado.

Podemos ver no capitulo que fala sobre a contextualização histórica no período do XIX que a mulher se quer tinha o direito de ter senso crítico, não possuía liberdade para exercer seus direitos, de querer ser alguém perante a sociedade, de querer adquirir conhecimentos, de poder evoluir como pessoa, mas apenas sendo utilizada como um meio de procriação e de servidão para o marido era como se a mulher fosse escravizada de uma maneira “legal”.

A realidade que as mulheres vivem hoje, de poder assumir cargos importantes perante a sociedade, de poder usufruir dos seus direitos e cumprir seus deveres da forma que bem entender, existe devido o movimento feminista que lutou pelos direitos da mulher, mostrando o quanto a sociedade era preconceituosa e errônea quando colocava a mulher como ser inferior e incapaz. E mostrando claro que o interesse desse movimento não era impor o caráter superior da mulher perante o homem, mas o caráter igualitário que ambos merecem ter. Pois a diferença física existente entre ambos não afeta a capacidade de crescer, pensar, agir, criar. E da mesma forma que um direito é garantido para o homem o mesmo deve ser garantido para a mulher.

A sociedade crítica, só se torna crítica, quando percebe que ninguém é capaz de ser superior a ninguém. Todos nós somos iguais, e por sermos iguais perante a Lei, temos os direitos e deveres iguais a cumprir e não vai ser uma visão machista, preconceituosa que pode

mudar isso. O homem e a mulher juntos são capazes de desenvolver a sociedade, a humanidade muito melhor do que quando se existe uma desigualdade entre eles.

## 5. Referências:

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. São Paulo: Abril Cultural, 1982 (Tradução: Lucio Cardoso).

FONSECA, Simone. **Orgulho e Preconceito e Direito**. Rio Grande do Sul: Tv Educativa Gaúcha, 2011. Disponível em: <http://www.janeaustenbrasil.com.br/2011/11/orgulho-e-preconceito-e-direto.html> Acesso em: 23 de Agosto de 2012.

SEIXAS, Selhorst Larissa. **Jane Austen e a fantasia de poder em Orgulho e Preconceito**. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=166> Acesso em: 23 de Agosto de 2012.

OLIVIERI, Carlos Antonio. **Mulheres:** Uma longa história pela conquista de direitos iguais. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/atualidades/mulheres-uma-longa-historia-pela-conquista-de-direitos-iguais.htm> Acesso em: 23 de Agosto de 2012.

FONTES, Carlos. **O Direito das Mulheres como Direitos Humanos**. Disponível em: <http://alvalade.no.sapo.pt/CursoCidDirHum10.htm> Acesso em: 23 de Agosto de 2012.

MACHADO, João Luís. **A situação das mulheres no século XIX: depoimentos e reportagens da época**. Disponível em: < http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=203 > Acesso em: 03 de novembro de 2012.

OLIVEIRA, Karine**. A voz feminina no século XIX através das páginas do Jornal A família.** Disponível em: < http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/Karine_da_Rocha.pdf> Acesso em: 03 de novembro de 2012.

**História de Ana Jansen**. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Ana_Jansen > Acesso em: 03 de novembro de 2012.